

# COISA DE MÃE<sup>1</sup>

## *HISTÓRIA PORTO-ALEGRENSE, DE MOACYR SCLIAR, SOB A ÓTICA DA MÃE DA PROTAGONISTA*

---

*Tane Silvana Sumi Forgati*<sup>2</sup>

---

Comadre, tu não penses que eu estou reclamando, não. Estou só contando a verdade e quem conta a verdade não merece castigo. E a verdade é que a porto-alegrense era minha filha caçula e o orgulhoso, o advogado, mas, repito, a porto-alegrense era ela. Quando o macanudo, poderoso filho de fazendeiro da fronteira apareceu, nós já morávamos aqui em Porto Alegre. Petrópolis nem existia, Três Figueiras era mato. Os bondes eram poucos... – Te lembras dos bondes? Bah! Faz tempo... Minha filha caçula sempre foi a mais trabalhadeira das irmãs, as outras eram mais lerdas do que mula guacha. Ela trabalhava como caixeira do Armazém de Secos e Molhados do Seu Pedro, na Cidade Baixa, onde as compras eram marcadas no caderno e tu pagavas no final do mês. Vendiam de tudo, cereais a granel, embalados em sacos de papel, tudo pesado na balança vermelha. Ele, o garboso estudante de Direito, varava as madrugadas no Café Central ou no Alto do Bronze, declamando em voz alta seus poemas! Um perfeito galanteador que ia no Armazém onde minha filha trabalhava, levando buquês de flores e presentes. Foi um escândalo, te lembras? O que se cochichava na Rua da Praia! Os dois desfilando de braços dados, desde a Praça da Alfândega até a Igreja da Conceição. Eu dava conselho para a guria! Mas, bah! Dizia para ela que era uma prenda e precisava se guardar para o casamento!

Também falava que rapaz rico, filho de fazendeiro, não havia de dar certo! Mas ela não me escutou. Ia meio acabrunhada passear de braços dados com ele, mas, ao contrário dela, ele ia de cabeça erguida, desafiador – enquanto as senhoras e os cavalheiros ficavam olhando, escandalizados. Um galanteador aquele mimado! Mãe tem um sexto sentido... mesmo vendo ela ir morar num casarão, fiquei com um pé atrás! Sabia que ele não ia pedir a mão da minha filha! O danado

---

<sup>1</sup> Texto recebido em 17 de abril de 2018 e aceito em 22 de junho de 2018. Texto orientado pela Profa. Dra. Brunilda Tempel Reichmann (União de Curitiba).

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Letras (Teoria Literária) da União de Curitiba.  
E-mail: [tforgati@smu.curitiba.pr.gov.br](mailto:tforgati@smu.curitiba.pr.gov.br)



foi mais longe: ludibriou-a, alugou uma casa no Menino Deus. E que casa! Tchê! O antigo palacete de um barão, situado no meio de um verdadeiro parque, com árvores e estátuas, e um lago com peixinhos vermelhos. O desgranhento dizia que ela era a sua rainha; e de fato, como rainha ela vivia, com criados à disposição e até um carro – um dos primeiros automóveis de Porto Alegre, um Edsel da Ford. Pois o pai dele pagava tudo, o fazendeiro cheio dos pilas, achava que o filho tinha direitos de macho, não importava o que dissessem. Ou o que custasse. Pagava tudo! Eu alertava, para que ela se casasse com um rapaz, honesto e trabalhador, porque não adiantava juntar os trapos com filho de homem rico, pois quem era rico era o pai, não ele! Um dia o dinheiro pode ir embora! Gente rica não dá valor aos pobres!

Não teve jeito. Ela dizia que gostava dele. Gostava mesmo. Por causa dele, saiu de casa, na Cidade Baixa, e foi morar no Menino Deus, como uma cortesã. Mas ela gostava dele, essa era a verdade.

Os parentes dele, ricos como o pai, fazendeiros da cidade, dos Moinhos de Vento – começaram a desprezar o magrão... Não o convidavam mais para as festas. O que deixou ele mais indignado. O que ele fez? Alugou uma casa, no reduto dos inimigos. Minha filha passou a morar lá, com todos os empregados (ele só mandou embora a cozinheira, porque dizia que minha filha cozinhava melhor). Nessa época ele a visitava sempre. Moinhos dos Ventos... Lindo bairro, de casas finas. Os parentes estavam furiosos; não o cumprimentavam mais, ficavam esnobando. Menos a prima dele, a Rosa Maria, aquela diaba com cara de anjo... Minha filha dizia que ela olhava de esquelha, piscava o olho... Eles trocavam bilhetinhos secretos. Minha gurria sofria calada, ficava abichornada. Mas dizia que gostava dele, esta é que era a verdade. E gostava da casa, um paraíso. Um paraíso que durou pouco... Aquele patife, eu sempre desconfiei dele, resolveu morar na casa e fez a minha gurria se mudar para Petrópolis. Com ela foram a empregada e o motorista que era também uma espécie de guarda. O jardineiro foi dispensado, porque a casa não tinha jardim; era uma casa relativamente modesta; e depois, para que jardim – era o que ele dizia, jardim só dá trabalho. Ela sempre gostou de flores, de jardim, mas aceitava calada, porque gostava dele. Eu fui então pedir ajuda para uma cartomante, que havia prometido amarrar o coração dele e trazer ele de volta em sete dias! Barbaridade, o feitiço não deu certo! O infeliz tinha corpo fechado!

Comadre, me caiu os butiás dos bolsos, quando ele se casou com a prima Rosa Maria e assumiu um cargo na direção da firma do pai dela. Tive vontade de procurá-lo, soltar os cachorros e dar uma surra nele. Sabe o que aconteceu? Ele virou um homem de negócios, o advogado da firma, cuidava da papelada. Era empresa de obras, construíam prédios na Rua da Praia, no Centro de Porto Alegre. A gurria concordava, e se lembrava do tempo que trabalhava no Armazém.



A cidade progredia, mas a esta altura ela já não tinha mais motorista, porque em Petrópolis tinha energia elétrica e transporte abundante, digno de uma cidade moderna. Era realmente um local bom, mas com o passar dos anos começou a apresentar inconvenientes para ele. Muitos dos amigos dele, médicos, advogados, homens de negócio, passaram a morar no bairro. Ele fez com que ela se mudasse de novo. Pobre guria desprezada. Ela foi morar em Três Figueiras, um lugar que já não era mato, mas que ainda estava pouco povoado. Numa casinha velha de madeira, que chovia mais dentro do que fora, mas ela não reclamava, não queria incomodar. Barbaridade! Em Porto Alegre estava sempre chovendo forte, havia muita umidade no ar. Ele não vinha mais visitar minha filha. Realmente não era justo. E a casa era isolada. Ela já não tinha mais empregados.

Uns anos depois, me lembro muito bem, ela passou a costurar para fora. Então começaram a aparecer as primeiras casas elegantes em Três Figueiras. Casas bonitas, de fachadas com pedra decorativa... Ele foi visitar e disse que a vida estava difícil, que não tinha como pagar o aluguel caro, que ela fosse para a Vila Jardim, um lugar bem afastado, a casa não tinha água, nem luz; ela não podia mais costurar, mas ela não queria ser uma chata que tem mania de reclamar ou pôr defeito em tudo que vê. O advogado deu com os burros n'água, passava por uma fase de profunda depressão, estava triste, o ordinário acabou com a herança do pai, a empresa do sogro entrou em falência. Os dois já estavam com sessenta anos. Ele perguntava qual seria o sentido da vida? Dizia que não tinha mais nenhum pila. A guria me contou que ele estava com os olhos cheios de lágrimas. A coitada precisava de uma dentadura nova, mas não ousava pedir nada. Nós, com toda nossa idade e pobreza, oferecemos ajuda, falamos para ela meter a viola no saco, pedimos para ela vir morar conosco, mas aquele lazarento não permitia!

Mandou um bilhete pelo motorista! Dizendo para ela sair da Vila Jardim. O bairro estava ficando muito conhecido, poderiam reconhecer a guria. Comadre veja se quem está sem pila pode ter motorista e carro! Disse para ela ir para as margens do Guaíba, para uma espécie de casa-barco que estava atracada num lugar deserto. Era mais barco do que casa; na verdade, era uma simples cabina de madeira coberta com uma lona. Sacudida pelos temporais de inverno, ela esperava. Mas bah, Porto Alegre faz frio de renguear cusco. Nem o poncho que dei para ela adiantava, porque estava entrando água no barco. Morri de dó! Em um ano ele veio só uma vez, no dia do aniversário. Adivinha de quem, comadre? Aniversário dele! Estava muito deprimido: Rosa Maria tinha morrido, as filhas não queriam saber mais dele. Só queriam gozar a vida. Ele procurava respostas para as grandes questões da vida, se entregando à bebedeira. Dizia que ela deveria mergulhar no nada. Ela olhava para a água que entrava no barco e concordava e eu... temia pela vida da minha guria! E deu no que deu!

